

O peso da memória, a pressa do presente

Entre o saudosismo idealizado e a produtividade estendida

Frederico Manica

Vivemos num tempo de paradoxos. De um lado, os saudosistas — aqueles que fitam o passado com lentes douradas, acreditando que “antigamente era melhor”: relações mais autênticas, valores mais sólidos, a vida menos apressada, crianças que corriam nas ruas em vez de deslizar os dedos sobre telas. Para eles, a era atual seria uma distopia onde a tecnologia desumaniza e a modernidade esvazia.

Do outro lado, pulsa um presente indiscutivelmente mais longevo, menos doloroso, mais amparado por avanços médicos, científicos e sociais. Nunca a expectativa de vida foi tão alta; nunca tantos septuagenários, octogenários, nonagenários puderam nadar, correr, surfar, deslizar num skate — redescobrindo a vitalidade física e mental que seus avós jamais ousaram sonhar.

Esse antagonismo desnuda uma contradição central: se o passado era “melhor”, por que o presente nos permite viver mais — e, em tantos aspectos, viver melhor? A medicina contemporânea oferece respiro a doenças que foram sentença; a sociedade, apesar de acelerada e fragmentada, abre espaço para reinvenção em qualquer idade, para aprendizagens contínuas, para experiências que antes eram interditadas pelo relógio biológico.

Romantizar o passado é desconsiderar um detalhe brutal: o passado não oferecia escolha — apenas resignação diante da finitude precoce, das doenças incuráveis, das limitações impostas pelo tempo. E talvez o verdadeiro desafio não seja escolher um lado — passado ou presente — mas integrar a sabedoria de ontem às possibilidades de hoje. Afinal, o que seria mais poderoso do que um ancião que carrega cicatrizes e memórias, mas que ainda desliza pelo mundo com olhos despertos e pulmões cheios de ar fresco?

No fundo, não somos prisioneiros do tempo: somos herdeiros dele. A nostalgia nos oferece memória; a contemporaneidade, ferramentas. Rejeitar um em nome do outro empobrece a experiência humana. Que saibamos honrar as raízes sem temer os ventos novos. Que saibamos envelhecer não como relíquias de um mundo que se foi, mas como testemunhas lúcidas de um mundo que ainda pulsa, ainda surpreende, ainda renova.

Longevidade não é apenas durar — é continuar, contra tudo, aprendendo a viver. E talvez, no mais belo dos paradoxos, quanto mais nos abrimos ao novo, mais inteiros permanecemos.

Frederico Manica